

## Biografias resumidas

**Cristina Ataíde** (Viseu, 1951). A artista vive e trabalha em Lisboa.

A artista licenciou-se em escultura na ESBAL (Escola Superior de Belas Artes, Lisboa), onde frequentou o curso de design de equipamento.

Explorando caminhos que cruzam o desenho, a escultura, a instalação, a fotografia, o vídeo e a intervenção site-specific, Cristina Ataíde desenvolve o seu trabalho ininterruptamente há mais de três décadas. A sua produção revela uma sede de experimentação e um fascínio pela descoberta que, entre outros, se âncora no impulso da viagem, na procura por outros sistemas de pensamento e numa busca pela expressão da matéria. (Sérgio F. Rodrigues).

Recentemente Ataíde teve uma exposição individual “¿A Terra ainda é redonda?” no Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado. Em 2020 e 2021, realizou várias exposições individuais: Dar Corpo ao Vazio, Museu Coleção Berardo, Lisboa; Cartografias Afetivas, Galeria Andrea Rehder, São Paulo, e mais.

A sua obra encontra-se representada em importantes colecções institucionais portuguesas e estrangeiras, entre outras, a Coleção Moderna do Museu Gulbenkian / CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, PT; Col. Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, PT; Col. António Cachola / MACE, Elvas, PT; Col. PLMJ, Lisboa, PT; MACS, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba, BR, e mais.

**Paulo Brighenti** (Almada, 1968). Vive e trabalha em Lisboa, tendo em anos recentes, iniciado a sua prática num atelier no campo.

Brighenti afirmou-se primeiro como pintor e cada vez mais como um artista multidisciplinar exemplar no panorama artístico português. Paulo Brighenti tem tido uma carreira de sucesso a nível nacional e internacional e expõe desde os anos 1990.

Conhecido pela riqueza complexa, profunda e criativa da sua obra, a obra do artista tem vindo a estender o meio da pintura para outros, como a escultura e o vídeo, criando obras e exposições que envolvem e confrontam o espetador, questionando ao mesmo tempo as tradições pictóricas e sua validade nos tempos de hoje.

O artista tem apresentado a sua obra em museus de renome, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Carmona e Costa, MAAT, MEIAC e Nassjö Konstall Suécia, bem como em galerias e centros expositivos de Lisboa, Porto, Luxemburgo, Paris e Nova Iorque. Brighenti é ainda representado pelas galerias Galeria Belo-Galsterer, Lisboa e Galeria Pedro Oliveira, Porto.

O artista encontra-se ainda representado nas seguintes colecções institucionais: Fundação Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa; Banco de Espanha, Madrid; CAM / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Fundação Ilídio Pinho, Porto; MAAT, Lisboa; MNAC - Museu do Chiado, Lisboa; Fundação PLMJ, Lisboa; Coleção Tobias Rhis, Zurique; Museu de Serralves, Porto; entre outras.

27.10.2023 -  
10.02.2024

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

# CRISTINA ATAÍDE

## *A pedra só não voa porque não quer...*

*Curadoria de / curated by  
Ana Cristina Cachola*

*Projeto de / Project by*

**PAULO BRIGHENTI**  
*mãe*

image(m): Cristina Ataíde, Ser Linha #03, (pormenor | detail)

## A pedra só não voa porque não quer...

de by Cristina Ataíde

As obras habitam o espaço sustentadas por auxílio mútuo, uma salvação que a (co)presença silenciosa garante. Algumas estão ligadas por uma estrutura que as une, outras pela sugestão de um toque, todas por uma ordem de semelhanças e proximidades que faz da sua existência dual. Estar com o outro (ou ser em alteridade) insinua-se em iteração por toda a partilha expositiva. Um anúncio da falência do individual e do falhanço da solidão na tessitura contemporânea. Cada obra presente na exposição não quer estar sozinha - apoia-se, sem receio, no seu par, dialoga, ajuda, existe dobrada na luz da partilha.

A pedra só não voa porque não quer..., mais recente exposição individual de Cristina Ataíde, assume-se como lugar onde as obras de arte revelam a sua natureza dialogante e o modo como, sem colocar em causa a aura e a unicidade, o duplo e a mesmidade são um tema recorrente da arte contemporânea. Isto, porque o campo de pesquisa artístico é regido por uma dinâmica estrutural dialógica em que cada obra surge como resultado de anterioridade que é plástica e emocional e se insere, usando a terminologia warburguiana, numa conformidade de boa vizinhança.

Se Cristina Ataíde tem vindo, por um lado, a delinear, através do seu trabalho, uma cartografia do conflito e das suas diversas fisionomias e geografias, por outro, oferece ferramentas para pensar a sua resolução, construindo um imaginário em que uma enorme proficiência plástica leva a lugares de empatia, convivialidade e salvação (e até a um mais prosaico, mas tão premente, salvamento). Num mundo de crescente impossibilidade poética face à barbárie normalizada no quotidiano, a artista resgata o indizível em formas plásticas de cuidado necessário e urgente.

Não será mera coincidência o título da exposição, A pedra só não voa porque não quer..., frase tomada de empréstimo a um poema de Paulo Leminski, remeter para uma aparente aporia, ultrapassada logo que se observam as obras de Ataíde. Os trabalhos em mármore são de uma leveza insondável, desafiando as leis da gravidade num equilíbrio apaziguado e sem esforço. Todas as peças são, simultaneamente desenhos e esculturas, sem que nenhum destes se oponha em campos de força ou tensão: a pedra é meticulosamente desenhada, o pigmento e a tinta são tratados como entidades volumétricas.

Até porque esta é uma exposição de gestos - afinados, subtis - feitos para o mundo, para o construir, para o melhorar. Por isso, a escala, a altura a que estão instaladas e as dimensões das obras configuram um chamamento ao corpo (humano), não como mero espectador, mas como ser participante na mudança da Terra. Esta mudança será empática e em conjunto, porque a pedra só não voa porque não quer e voar só de mãos dadas.

Ana Cristina Cachola  
outubro de 2023



## mãe

de by Paulo Brighenti

### 2 mãos esquerdas

Duas mãos numa mesa marcam o centro de uma sala cheia de desenhos imersivos que nos levam para um outro espaço, fora da urbe para dentro da natureza...

Estas duas mãos são moldes da mão esquerda do artista, sendo que a mão esquerda marca sempre a 'exceção'... Do que eu sei, atribuem-se significados ambíguos à mão esquerda; ser canhoto pode ser sinal de maior criatividade; enquanto na cultura alemã em que cresci a expressão "ter duas mãos esquerdas", significa ter-se pouco jeito e habilidade para trabalhos manuais. Ora, o que podemos constatar nesta peça é que o artista afirma a mão esquerda como elemento criativo, enquanto "a mão direita só manuseia o material" (nas palavras do próprio).

Nesta apresentação, com as mãos rodeadas de natureza, representada pelo (a)parecer das plantas, flores e folhas, símbolos do eterno ciclo da vida, o título "mãe" impõe-se como imagem da natureza, a origem e fonte da vida, na qual nos inserimos e de quem somos parte intrínseca. A natureza como fonte de inspiração e instância mais alta da criatividade.

Alda Galsterer  
outubro de 2023